

GN 1,1–2,4A: A CRIAÇÃO EM SETE DIAS COMO CONTRAMITO AO MITO BABILÔNICO DA CRIAÇÃO, ENUMA ELISH

Jacir de Freitas Faria*

Resumo

Vivendo como exilado na Babilônia, Israel soube reconduzir a sua história para o Deus que outrora havia feito aliança eterna com os seus antepassados. Os mitos babilônicos exerciam forte influência sobre os babilônios. Seus deuses eram guerreiros e os cidadãos também o eram. Vendo isso, o povo da Bíblia respondeu com outro mito de criação. Como contraposição e lançando sinais de resistência, os exilados criaram o contramito da criação para demonstrar a face do Deus que cria gratuitamente e quer que os seus filhos vivam em harmonia entre si e com a natureza. Este artigo pretende demonstrar a relação entre os mitos bíblico da criação de Gn 1,1–2,4a e o babilônico, Enuma Elish. O nosso objetivo é ressaltar o teor de contramito do texto bíblico, isto é, de resistência ao mito babilônico, bem como a diferença das cosmogonias que decorrem destes dois textos.

Palavras-chave: Mito. Contramito. Resistência. Opressão. Imagem e semelhança.

Abstract

Living as an exiled in Babylon, Israel knew how to bring his story back to the God who had once made an everlasting covenant with his ancestors.

* Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Doutorando em Teologia na FAJE, em Belo Horizonte. Reitor e professor de Exegese Bíblica no Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, em Belo Horizonte. Membro efetivo da cadeira número 20 da Academia Divinopolitana de Letras. Padre e frade franciscano. Ministra cursos de Bíblia e Teologia Pastoral para leigos em centros de estudos e paróquias. Autor de dez livros e de mais de duzentos artigos, e coautor de onze livros sobre Bíblia, História de Israel, atualidades e, sobretudo, sobre a literatura apócrifa do Segundo Testamento, tema de sua pesquisa e especialidade. Seu último livro é: *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1–11: mitos e contramitos*. Petrópolis: Vozes, 2015. Como autoria, publicou: *Ação profética na história de Israel*. In: DA COSTA, Julieta Amaral et al. *Em tempos difíceis o profeta Miqueias aponta saídas: uma leitura do livro de Miqueias feito pelo CEBI-MG*. Belo Horizonte: CEBI-MG, 2016, p. 9-22.

Babylonian myths had a strong influence on the Babylonians. As babylonian gods were warriors, the citizens were also. The people of the Bible, in response to this situation, responded with another myth of creation. As counterpositions and with signs of resistance, the exiles have created the counterpart of creation's myth to demonstrate the face of the God who creates freely and wants their children to live in harmony between each other and with nature. This article intends to demonstrate the relation between the Biblical myths of the creation of Gn 1,1-2,4a and the Babylonian, Enuma Elish. Our objective is to emphasize the contramito content of the biblical text, that is, of resistance to the Babylonian myth, as well as the difference of the cosmogonies that follow from these two texts.

Keywords: *Myth. Countermyth. Resistance. Oppression. Image and likeness.*

Introdução

Mito é o modo que a linguagem humana encontrou para explicar as coisas a partir do Sagrado, de Deus, não importando o tipo de fé e a cultura da qual ele provém¹. Em Gn 1-11 encontramos três mitos: Gn 2,4b-3,24; 4,1-16 e 6,1-4. Eles procuram compreender, explicar a vida do povo eleito a partir da visão de Deus criador do mundo e do ser humano.

Contramito é um neologismo criado por nós para conferir uma nova interpretação a alguns mitos de Gn 1-11. Como o próprio termo indica, contra é oposição. Chamemos esse contra de resistência. Resistência a quê? Ao pensamento e à cultura babilônicos que oprimiam os exilados. A maioria dos mitos de Gn 1-11 foi escrita no exílio da Babilônia (587-536 antes da Era Comum – a.E.C.)² e no pós-exílio. Tendo ouvido e convivido com a ideologia dominante, o povo reafirmava a sua fé em Deus, contando miticamente a sua experiência de fé em forma de contramito. Era como se dissessem: “O deus de vocês age assim, mas o nosso é diferente do deus de vocês”. Identificamos em Gn 1-11 três contramitos: Gn 1,1-2,4a; 6,5-9,17 e 11,1-9.

Provavelmente, Gn 1,1-2,4a tenha sido redigido pela fonte sacerdotal, no início do século V a.E.C., na época do exílio da Babilônia (587-536 a.E.C.) ou pouco posterior a ele. Como contramito, ele terá sido escrito em oposição ao mito babilônico da criação, chamado Enuma Elish, texto descoberto em 1849 e publicado em 1875. Esse texto fazia parte da biblioteca de Assurbanipal, rei da Assíria,

1. FARIA, Jacir de Freitas. *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1-11: mitos e contramitos*. Petrópolis: Vozes, 2015. O nosso artigo segue a análise de Gn 1,1-2,4, presente nesta obra.

2. Usamos a terminologia antes da Era Comum (a.E.C.), Era Comum (E.C.), Primeiro Testamento (PT) e Segundo Testamento (ST) por razões ecumênicas e em respeito para com os judeus.

entre 669 e 630, e foi encontrado em Nínive, atual Mossul, no Iraque. Da relação desse mito com o bíblico é que trataremos em nosso artigo.

O mito babilônico da criação Enuma Elish

O mito babilônico da criação, Enuma Elish³, assim descreve as origens dos deuses, do ser humano e da escolha de Babilônia como cidade dos deuses, sobretudo Marduk, o deus que adquire supremacia sobre os demais. Um resumo do mito é o seguinte:

Quando ainda não existiam o céu nem a terra, dois seres divinos, Apsû (o abismo, o oceano subterrâneo) e Tiâmat (o mar, princípio feminino) se uniram, e desta união nasceram sucessivamente todos os outros deuses. Mas como esses perturbavam o sono de Apsû, o progenitor decidiu destruí-los. Tiâmat não queria matar os seus próprios filhos. Ea, o deus sabedoria, da terra e da água, soube de tudo e decidiu enfrentar Apsû. Com fórmulas mágicas o fez dormir e o matou. Com o seu corpo construiu o Apsû, isto é, o mundo subterrâneo com o oceano de água-doce. Assim, Ea se tornou a divindade do subsolo, das fontes e dos rios. Depois desse ocorrido, Ea une-se à deusa Damika e gera Marduk. Ea o considerava o mais belo dos deuses e valente desde o nascimento, bem como o chamava de o “o filho do sol, o sol do firmamento”. Com a morte de Apsû, Tiâmat reinava soberana, incomodando-se, porém, com o surgimento de novos deuses. Instigada por outros deuses, Tiâmat decide vingar a morte do marido. Começa matando os deuses seus filhos e gerando um exército de monstros, os quais aterrorizam os outros deuses. Tiâmat escolhe um deus, Kingu, como chefe de seu exército e lhe entrega as tábuas do destino, que deveriam se tornar leis eternas. Tiâmat se torna, assim, mais poderosa. Os outros deuses, em assembleia, decidem escolher Marduk, apresentado por Ea, seu pai, como o único que poderia enfrentar Tiâmat. Antes, porém, os deuses colocaram Marduk à prova de poder. Ele teria que aniquilar uma pessoa e devolvê-la à vida. Depois disso é que veio a sua eleição como herói e solene consagração como rei. Diziam: “Marduk é nosso rei”. Marduk aceitou a escolha com a condição de que, caso vencesse a batalha com Tiâmat, ele teria primazia sobre todos os deuses. Depois, Marduk, armado dos pés à cabeça, enfrenta a enfurecida Tiâmat com raios, ventos e tempestades, suas armas próprias. Eles travam um corpo a corpo. Quando Tiâmat abre sua boca para engoli-lo, Marduk lança uma flecha que adentra a sua boca, destrói seu estômago e o seu útero, berço de todos os deuses. Marduk prende Tiâmat numa rede, despedaça o seu crânio com o chuço; fende o cadáver em duas partes como uma ostra. Com a parte superior forma o céu, pondo ferrolhos para represar as águas. Trata-se do mar celeste, que parece contrapor-se

3. O texto que apresentamos é um resumo, adaptado por nós, do texto de BALLARINI, Teodorico (org.). *Introdução à Bíblia*, v. II/1. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 162-163.

ao mar terrestre. Com a outra parte do corpo, ele faz a terra firme e o mar. Feito isso, Marduk forma os astros e outras criaturas. Com a cabeça e os seios de Tiâmat ele edifica as montanhas. Marduk fura os olhos de Tiâmat, fazendo nascer deles os rios Tigre e Eufrates. Na terra, Marduk constrói templos e os entrega a Ea. Depois desses fatos, Marduk mata Kingu, o líder dos rebeldes. Corta suas veias e do seu sangue, misturado com o pó, cria o ser humano, a quem impõe o serviço dos trabalhos domésticos do templo, de modo que os deuses pudessem descansar e receber constantemente o sustento e tributos dos humanos. Depois disso, em sinal de gratidão para com seu soberano Marduk, os deuses da terra constroem uma Babilônia, com um templo para a sua residência, o qual foi chamado de Babilônia, a casa dos deuses, lugar de descanso para as divindades e sinal de domínio de Marduk sobre os outros deuses.

Resumo: Duas divindades, Apsû e Tiâmat, se casam e geram filhos, os quais perturbam o sono de Apsû, que decide matá-los. Outra divindade, Ea, descobre o plano e mata Apsû. Com o corpo dele, Ea constrói o mundo subterrâneo. Tiâmat, para vingar a morte do marido, gera monstros, para aterrorizar as divindades. Marduk, filho de Ea, é escolhido pelos deuses como o deus soberano, capaz de enfrentar Tiâmat. Este promove um golpe de estado e torna-se a divindade maior da Babilônia. Marduk mata Tiâmat e com o seu corpo faz o céu, mundo superior, e a terra, onde constrói uma casa para os deuses. Com o sangue do líder dos deuses vencidos, Kingu, Marduk cria o ser humano, para ser submisso aos deuses. Como gratidão aos seus feitos, Marduk recebe dos deuses uma residência, que leva o nome de Babilônia, uma torre celeste.

O mito bíblico da criação (Gn 1,1–2,4a)

Quando Deus iniciou a criação do céu e da terra, a terra era deserta e vazia, e havia treva na superfície do abismo; o sopro de Deus pairava na superfície das águas, e Deus disse: Que a luz seja! E a luz veio a ser. Deus viu que a luz era boa. Deus separou a luz da treva. Deus chamou a luz de dia e à treva chamou noite. Houve uma tarde, houve uma manhã: o primeiro dia. Deus disse: Que haja um firmamento no meio das águas, e que ele separe as águas das águas! Deus fez o firmamento e separou as águas inferiores do firmamento das águas superiores. E assim aconteceu. Deus chamou o firmamento de céu. Houve uma tarde, houve uma manhã: segundo dia. Deus disse: Que as águas inferiores ao céu se juntem em um só lugar e que apareça o continente! Assim aconteceu. Deus chamou o continente de terra; chamou de mar o conjunto das águas. Deus viu que isto era bom. Deus disse: Que a terra se cubra de verdura, de erva que produza a sua semente e de árvores frutíferas que, segundo a sua espécie, produzam sobre a terra frutos contendo em si a sua semente! Assim aconteceu. A terra produziu verdura, erva que produz a sua semente, segundo a sua espécie, e árvores que produzem

frutos contendo em si a sua semente, segundo a sua espécie. Deus viu que isto era bom. Houve uma tarde, houve uma manhã: terceiro dia. Deus disse: Que haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite, que eles sirvam de sinal tanto para as festas como para os dias e os anos e que sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a terra. Assim aconteceu. Deus fez dois grandes luminares, o grande luminar para presidir o dia, o pequeno para presidir a noite, e as estrelas. Deus os estabeleceu no firmamento do céu para iluminar a terra, para presidir o dia e a noite e separar a luz da treva. Deus viu que isto era bom. Houve uma tarde, houve uma manhã: quarto dia. Deus disse: Que as águas pululem de enxames de seres vivos e que o pássaro voe acima da terra em face do firmamento do céu. Deus criou os grandes monstros marinhos e todos os pequenos seres vivos os quais pululam as águas segundo a sua espécie, e todo pássaro alado segundo a sua espécie. Deus viu que isto era bom. Deus os abençoou dizendo: Sede fecundos e prolíficos, enchei as águas dos mares, e que o pássaro prolifere sobre a terra! Houve uma tarde, houve uma manhã: quinto dia. Deus disse: Que a terra produza seres vivos segundo a sua espécie; animais grandes, animais pequenos e animais selvagens segundo a sua espécie. Assim aconteceu. Deus fez os animais selvagens segundo a sua espécie, os animais grandes segundo a sua espécie e todos os animais pequenos do solo segundo a sua espécie. Deus viu que isto era bom. Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança, e que ele submeta os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais grandes, toda a terra e todos os animais pequenos que rastejam sobre a terra! Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou; criou-os macho e fêmea. Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e prolíficos, enchei a terra e regei-a. Vivei em harmonia com os peixes do mar, os pássaros do céu e todo animal que rasteja sobre a terra! Deus disse: Eu vos dou toda erva que produz a sua semente sobre toda a superfície da terra e toda árvore cujo fruto produz a sua semente; assim será o vosso alimento. A todo animal da terra, a todo pássaro do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e que tem sopro de vida, eu dou como alimento toda erva que amadurece. Assim aconteceu. Deus viu tudo o que havia feito. Eis que era muito bom. Houve uma tarde, houve uma manhã: sexto dia. O céu, a terra e todos os seus elementos foram terminados. Deus terminou no sétimo dia a obra que havia feito. Ele cessou no sétimo dia toda a obra que fazia. Deus abençoou o sétimo dia e o consagrou, pois tinha cessado, neste dia, toda a obra que Ele, Deus, havia criado pela sua ação. Este é o nascimento do céu e da terra quando da sua criação⁷⁴.

Resumo: Quando ainda tudo era treva, a terra era vazia e deserta, e o sopro divino pairava sobre esse cenário, Deus cria a luz. Numa sequência de sete dias, continua a criar pela ação da sua palavra e depois descansa.

Comparando os mitos

Da análise das narrativas citadas resulta a seguinte comparação:

	Enuma Elish	Gn 1,1–2,4a
Criador	Deuses, os quais são identificados com elementos da natureza, como Marduk, o deus Sol. Ocorre uma deificação da natureza.	Deus, que não se identifica com a natureza, mas a cria para viver em harmonia com o ser humano, que deve regê-la como um maestro.
Motivo	Disputa de poder entre os deuses. Tentativa de pôr fim ao caos celeste. Justificar a divisão entre os deuses e a soberania de um sobre os demais. Demonstrar o poder de Babilônia recebido pelos deuses.	Gratuidade de Deus. Organizar o mundo segundo Deus, sem caos.
Modo	Relação sexual entre deuses gera outros deuses. Sangue de uma divindade assassinada misturado com o pó: surge o ser humano.	Palavra criadora de Deus que faz.
Consequência	O criador passa a ter domínio sobre o criado, que se torna um prolongamento do mesmo. O ser humano passa a ser escravo dos deuses.	O criador pede aos seres criados que vivam em harmonia. O ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus para viver em liberdade.
Pós-criação	O deus Marduk é louvado pelo seu ato criador e recebe como prêmio uma casa que leva o nome de “Babilônia celeste”, o lugar de seu descanso e da ordem estabelecida. A Babilônia passa a ser morada sagrada dos deuses. Ela é poderosa nas armas e pode vencer outros povos.	Deus cria com esmero um paraíso terrestre e descansa. Deus cuida de tudo. Ao ser humano basta viver na harmonia com as criaturas e com o Deus criador.

Os elementos de cada mito, acima dispostos, deixam claras as diferenças entre eles, que vão desde o motivo da criação até a consequência do ato criador de deuses e Deus. O mito bíblico evidencia resistências, oposição ao mito babilônico.

Resistência ao mito babilônico

Gn 1,1–2,4a não é uma ata da criação do mundo, mas uma manifestação de resistência ao pensamento oficial babilônico da criação. Ele expressa poeticamente o pensamento dos deportados que, longe da pátria querida, sofrem a dominação do conquistador e testemunham a fé em Deus criador do mundo. Nesse contexto, podemos entender os sinais de resistência em Gn 1,1–2,4a ao texto babilônico. São eles:

1. O nosso Deus é a luz que ilumina o criado, e o sol, um astro e não um deus

Os judeus pensavam: o Senhor de Israel é um Deus vivo e criador. Ele está sempre conosco, o seu povo. Não há “nosso Deus” e “os deuses deles”, mas somente o Deus-Javé, criador do universo, todo-poderoso e libertador de Israel. Trata-se de um monoteísmo. Os demais não são deuses, mas criações.

No mito babilônico são citados dois deuses de origem, Apsû e Tiâmat. Seus nomes significam abismo e vazio ou fosso sem fundo. Desses nomes decorre a ideia de vazio, caos inicial na criação. Por isso, vários deuses ainda surgem, travam batalhas entre si até o completo restabelecimento da harmonia celeste.

Deus, em seu primeiro ato, cria a luz. E isso não foi por mero capricho. Significa afirmar mitologicamente que Deus mesmo é a luz que ilumina todo o criado. Notório é o fato de que Deus, em sânscrito, umas das línguas indo-europeias mais antigas, se grafa com *dēva* ou *dywe*, que vem de *div* e significa brilhar, e *dew*, luz, brilho. Assim, da raiz de brilhar, luz, é que se originaram os substantivos Deus e dia. Daí que bom dia, *bôdiè*, é o mesmo que boa luz e bom deus. Em outras palavras, que Deus seja luz em seu caminho.

Em Gênesis, a luz, criada em primeiro lugar e nominada por Deus de luz em oposição às trevas, chamada de noite, demonstra o poder de Deus sobre essas criaturas. A luz tem relação estreita com Deus, mas é também obra sua (KRAUSS, 2007, p. 25).

Marduk era o deus supremo da Babilônia celeste e terrestre. Os babilônios acreditavam no sol como astro dominante, e nele significavam Marduk, reverenciando-o como presença de Marduk, o astro/deus dominante. Ea, quando vê seu filho Marduk, chama-o de “meu filho, o filho do sol, o sol do firmamento”. Quando termina o poema Enuma Elish são cantados os cinquenta nomes de Marduk: “Marduk é o Primeiro; Ele é o Filho do Sol; Ele é o primeiro, aquele que tem o brilho do sol”.

Também no Egito o sol é uma divindade, Akhenaton, que, com o seu brilho solar, provoca o brilho da luz sobre o oceano primordial. Na mitologia romana, o deus criador de tudo e de todos é Júpiter, nome que significa pai da luz.

O contramito de Gn 1,1–2,4a enumera os astros criados da seguinte forma:

Dia	O que foi criado
1	Luz
2	Firmamento
3	Terra seca e plantas
4	Luzeiros: sol, lua e estrelas
5	Águas, animais aquáticos e pássaros
6	Animais selvagens e domésticos e o ser humano
7	Consagração do sábado como dia de descanso

Em Gn 1,1–2,4a, os astros não têm a função de domínio. Eles são servidores, devem viver em harmonia com todas as outras criaturas. Em Gênesis, o sol é simplesmente um astro entre os demais, não tem lugar de destaque na criação. Ele não foi criado em primeiro lugar, mas no quarto dia e junto aos outros astros. O sol é simplesmente um astro que ilumina a vida criada por Deus. A luz é mais forte que ele e não se chama sol.

O sol, assim como os outros elementos da natureza, recebe um tratamento especial nos Salmos de louvor, escritos na sua maioria no exílio da Babilônia. Antes de o povo de Israel passar a ter uma relação privilegiada com Deus-Javé na sua história, a relação com o Sagrado se dava por meio da natureza, a qual era vista como uma constante ameaça. Não alcançando o domínio da natureza, o ser humano via-se no meio de uma angústia existencial. Para se proteger, vivia ora seguindo os ciclos da natureza, ora divinizando-a, ora cultuando os deuses bons, a fim de que eles pudessem manter a ordem e a vida humana. Mitos da criação surgem em várias culturas. O deus bom vence as forças caóticas e impõe a ordem e o ritmo da criação. Marduk, o deus-sol da Babilônia, é dominado pelo Deus dos exilados, o Deus de Israel que domina toda a natureza e a coloca a serviço do ser humano. O Salmo 8 é fruto dessa ação divina, quando reza cantado extasiado as maravilhas de Deus: “Teu nome, Senhor, é tão poderoso em toda a terra. Quando vejo o céu, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que fixastes...” A ação de Deus na história provoca um desmoronar-se dessa certeza antiga. Surge uma nova maneira de entender e relacionar-se com Deus, que é a grande luz. Nisso reside a primeira oposição do mito de Gênesis ao babilônico. Deus que é a luz cria a luz e a coloca a serviço do ser humano. Ironicamente, isso quer dizer que os outros deuses, representados pelo sol e a luz, foram colocados a serviço do ser humano.

2. O nosso Deus cria gratuitamente pelo poder da sua Palavra

No mito babilônico, o mundo e o ser humano foram feitos a partir da morte violenta de deuses. Enuma Elish ensina que os babilônios e o mundo existiam porque os deuses usaram da violência. O forte exerce o seu poder sobre o mais fraco. Esse modo de ver e interpretar os fatos justificava a atuação dos que detinham o poder na Babilônia terrestre. A ordem da Babilônia celeste era mera projeção da terrestre. Desse modo deveria ser a dinâmica da vida.

Na contrapartida do mito babilônico, Gn 1,1–2,4a quer ser a manifestação do poder de Deus por meio de sua palavra e de seu gesto gratuito de criar o ser humano. O texto bíblico começa narrando o ato criador de Deus e não a luta fratricida dos deuses.

A expressão “E Deus disse” é carro-chefe da narração bíblica. Ela aparece dez vezes e relembra o Decálogo. A palavra é usada para criar e expressa o poder não violento do Deus de Israel. Outra palavra de Deus que aparece várias vezes é: “E Deus viu que isto era bom”. Ademais, é Ele que dá nome a tudo aquilo que cria. Em contraposição ao deus babilônico, os exilados se maravilhavam diante de seu Deus, que cria como um artesão, que se maravilha com a sua obra de arte, que não pede nada em troca. O artista é assim, ele cria por criar, não pensa em valor financeiro ou moeda de troca para a sua criação. Sofrendo no exílio, a comunidade do texto se extasia diante da obra de Deus que tudo oferece gratuitamente para o seu povo, mesmo sabendo que ela não estava se beneficiando desse ato divino naquele momento. Restava, assim, admirar-se diante de tão grande feito e confiar em Deus criador.

A título de ilustração, vale recordar aqui o mito egípcio heliopolitano da criação. Nele a criação dos deuses é mais importante que a dos seres humanos. Na cidade de Heliópolis, a criação teve início do seguinte modo:

Um pequeno monte emergiu no oceano primordial chamado de Num. Nesse morro, o deus solitário, identificado com o nome de Atum, masturbou-se e deu origem a um casal, Tenuft e Shu. O primeiro era a divindade masculina associada com o ar que há entre o céu e a terra, ao passo que o segundo, o princípio feminino responsável pelo orvalho, pela umidade. Essas duas deidades uniram-se e geraram Geb e Nut. Nesse caso, o primeiro é considerado o deus da terra (ou era a própria terra) e masculino; já o segundo, por sua vez, era a feminilidade e representava o céu (ou era o próprio céu). Essas duas divindades casaram-se. Atum, o deus solitário, opôs-se a essa união e determinou a Shu que os mantivesse separados. Por isso, durante o dia eles ficavam afastados. Geb na parte inferior e Nut sobre ele, erguida por seu pai Shu. Durante a noite, enquanto Shu dormia, as duas divindades coabitavam. Esse fato deu origem aos deuses que completaram a formação do cosmo: Osíris e Seth, machos; Íris e Nephtis, fêmeas.

Se, nesse mito heliopolitano, o poder criador da divindade está no seu sêmen, em outro mito, também egípcio, o Menfita, a força criadora, assim como em Gênesis, está na palavra da divindade Path que cria o deus Atum e as outras divindades, que criam o mundo.

3. O nosso Deus nos criou para uma vida de prazer

Afirma o texto bíblico que Deus dá aos animais, aves e répteis as ervas que amadurecem como alimento (Gn 1,30). E, ao ser humano, Ele dá as verduras – cereais, legumes e especiarias –, árvores frutíferas que produzem semente, isto é, árvores-fruto que oferecem o alimento saboroso durante todo o ano para o ser humano. Os rabinos interpretam essa ordem divina dizendo que “a vontade do Criador era criar uma árvore que fosse fruto toda inteira” (CHOURAQUI, 2005, p. 40).

A terra teria que oferecer o alimento prazeroso para o ser humano desfrutar. Isso é uma ordem divina. Ele não teria, no princípio, que trabalhar para sobreviver (Gn 1,29). Tampouco Deus permite ao ser humano matar para comer. A alimentação é igual para animais e o ser humano. Todos terão o prazer de se alimentar. Essas afirmações são profundamente revolucionárias. Deus cria o universo para a vida dos seres humanos em harmonia com os animais, e concede ao ser humano de ser humano e não de ser um deus que pede recompensa em troca de seu ato criador. O alimento é para o seu prazer. Dele o ser humano e os animais podem usufruir, sendo todos vegetarianos. O alimento é para o sustento da vida humana e não para dar lucro aos poderosos. Deus não espera em troca o tributo do ser humano. Com isso, fica descartada a opressão do ser humano sobre o seu semelhante. Quando da desobediência do ser humano e consequente perda do paraíso, o ser humano passa a produzir o seu alimento, isto é, fazer com que a terra lhe dê o sustento com o suor do seu rosto. Assim, o próprio ser humano inverte a ordem criadora. Ele mesmo criou a situação de opressão. É o que reflete Gn 9,1-3 quando diz que Deus permite ao ser humano comer da carne dos animais, mas não o seu sangue, bem como não matar seu irmão, que também é imagem de Deus. Matar outro ser humano é matar Deus.

Em nossos dias, a produção de alimentos está monopolizada por grupos detentores do mercado internacional, o que produz a fome mundial. Sabemos que o Brasil é considerado celeiro mundial, mas o nosso povo passa fome. Onde está o erro? Assim como nos tempos do Império Babilônico, a globalização atual quer ter o controle de quem produz e consome. Deus tem outros planos. É o que nos mostra o mito de Gênesis. Deus dá ao ser humano o prazer de poder comer, mas ele não é capaz de partilhar o produto produzido.

4. O nosso Deus nos criou à sua imagem e semelhança e nos pediu que fôssemos fecundos

“E Deus disse: Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme nossa semelhança” (Gn 1,26a). O “façamos” recebeu várias interpretações ao longo dos séculos:

a) Plural majestático – uso da primeira pessoa do plural pelos reis de Portugal para falar da sua ação, o que resultou, na língua portuguesa, no uso do pronome “nós” para dizer “eu” para reis, papas e preladados; b) Plural de deliberação – recurso da língua hebraica para expressar a deliberação que precede a ação, isto é, Deus (sujeito da ação anterior) que criou é o mesmo do “façamos”;

c) Princípio relacional – Deus Pai e Mãe;

d) Antecipação da visão trinitária (patrística);

e) Deus consulta os anjos, criados anteriormente por Ele, e decide que juntos fariam o ser humano. A consulta divina aparece em outros textos bíblicos, a saber: 1Rs 22,19; Jó 1,6; 2,1; Is 6,8.

Partindo da afirmativa de que o “façamos” representa um princípio relacional de Deus, interpreta-se que Ele criou o ser humano, masculino e feminino, à sua imagem, o que significa afirmar que em Deus encontramos essas duas dimensões de forma integrada. No mundo antigo tinha-se a concepção de que somente reis e governantes eram criados à imagem e semelhança de Deus. Estes se consideravam a encarnação de Deus e, portanto, podiam estabelecer a comunicação entre os deuses e os seres humanos. Os faraós do Egito eram considerados a imagem viva de Deus na terra. O relato da criação de Gn 1,1–2,4a se opõe a esse modo de pensar, ao afirmar que Deus criou o *adam* (ser humano: masculino e feminino) à sua imagem e semelhança e a ambos conferiu a bênção.

Gn 1,1–2,4a democratiza a imagem e semelhança de Deus. Estamos diante de um texto revolucionário sobre a igualdade entre homem e mulher, o que tem implicações sobre a afirmação teológica da natureza de Deus. Imagem, em hebraico *selem*, significa estátua, cópia de um modelo. Já semelhança, em hebraico *demût*, significa ser igual. Os dois substantivos podem ser usados como sinônimos. Culturalmente, somos herdeiros de uma imagem divina masculinizada, a qual necessita ser restabelecida na sua natureza integral. Feminino e masculino formam a face de uma mesma moeda presente no ser humano como extensão de Deus, que não mais pode ser entendido como um velho barbudo sentado em seu trono, como a catequese nos ensinou.

A criação do ser humano como imagem e semelhança de Deus identifica também professar a fé israelita em um Deus que criou o ser humano para ser livre e um co-criador com Ele. Isso é expressão de resistência ao mito babilônico que ensinava o contrário. Deus não cria o ser humano, mas o “faz existir”, isto é, lhe dá condição de viver harmoniosamente em um mundo em que tudo é dele. Os

exilados louvam a Deus pela natureza criada, eles se sentem reis, podem usufruir dessas maravilhas. Nisso está um contramito, uma resistência à dominação babilônica de Nabucodonosor, que destruíra Jerusalém e a religião judaica, representada pelo templo. Repensar o modo de viver a fé judaica a partir da criação e louvar a Deus por isso foi o que manteve o povo judeu unido na certeza de que ele é, individualmente, a sua imagem e semelhança.

Outro modo de interpretar imagem e semelhança vem também do mundo judaico, do rabino Rashi, um grande sábio da Idade Média. Para ele, o texto deve ser entendido no seu conjunto: “E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra” (Gn 1,26). Rashi liga *rdh* à imagem e semelhança e assim os interpreta. Para ele, imagem significa segundo o nosso (de Deus) modelo. Já semelhança é o que devo adquirir. Imagem (modelo) de Deus todos nós nascemos, mas a semelhança deve ser conquistada. Alguém pode morrer sem nunca ter chegado a ser semelhante a Deus, isto é, não buscou ser co-criador com Deus. A capacidade de amar, decidir, ser sábio e bom, dada ao homem por Deus, recorda a sua semelhança com Deus e o desejo de ser igual a Ele. Nesse sentido, entende-se também o significado de “que eles dominem”. O verbo dominar em hebraico (*rdh*) significa dominar e descer. Se o ser humano, tendo consciência de que é imagem de Deus, lutar para que a semelhança possa tornar-se realidade, ele será um co-criador e dominará as criaturas, isto é, viverá em harmonia com elas; caso contrário, as criaturas o dominarão e ele descerá, tornar-se-á como animal, e será destruído pela natureza. O ser humano recebe a bênção divina para cuidar da criação. Deus não lhe concede o direito de dominar outros seres humanos, nem tampouco lhe dá os animais como sustento. Alguns estudiosos já quiseram tirar “dominem” do texto, por julgá-lo ecologicamente incorreto. Melhor seria traduzir o verbo *rdh* por reger. O ser humano é, então, chamado a reger as criaturas, como um maestro que vive em harmonia com elas. Nisso o mito de Gênesis é um contramito ao babilônico.

Na outra ponta da linha, o fato de Deus oferecer ao ser humano a possibilidade de “dominar” outros seres significa colocá-lo na condição divina, assim como os deuses babilônicos que dominavam o mundo e o ser humano criado para ser seu escravo. Nisso estaria também outro contramito, uma resistência ao modo de pensar dos opressores.

Interpretações antropocêntricas de Gn 1,26, colocando o ser humano como dominador do universo e nele podendo interferir a seu favor, colaboram sobremaneira para o incremento do processo rápido de destruição da terra e do ser humano que estamos vivendo em nossos dias. Agrava-se ainda mais a questão quando tomamos consciência de que pesquisas têm avançado no estudo e descobertas da feminização de homens, animais e peixes, bem como a impotência do homem, o macho. A cada ano o homem produz 2% a menos de espermatozoides. Um homem nascido na década de 50 produz 150 milhões de espermatozoides por mi-

lilitro, o da década de 70, 75 mililitros, e o da década de 90, somente 50 milhões. Quando chegarmos a 20 milhões, a fertilidade humana estará comprometida e aí então será tarde demais. Pesquisadores chegaram à conclusão de que a causa dessa infertilidade, bem como a de cânceres de mama e de próstata, é a poluição da natureza por meio de dejetos químicos, como o DDT e outros agrotóxicos. As substâncias químicas despejadas nos rios não ficam na água, elas vão para os peixes e os destroem ou os transformam em hermafroditas. O ser humano está sendo contaminado por produtos químicos armazenados nos plásticos, o que lhe causa infertilidade, impotência sexual e feminização. Machos na natureza estão sendo desmasculinizados e feminizados⁵.

Infertilidade leva o ser humano ao não cumprimento da ordem divina expressa em Gn 1,28: “Sede fecundos, crescei e multiplicai-vos”. Procriar é dever sagrado para o judaísmo. “Ninguém pode abster-se de procriar, quem não o faz é um assassino” (FARIA, 1999, p. 56). Ser fecundo na Babilônia é se multiplicar para se libertar do jugo opressor. Ser fecundo é bênção divina. Multiplicar a imagem significa que o nosso Deus não está preocupado em dominar o ser criado por Ele. Já os deuses do mito babilônico impuseram condições aos seres criados, o que refletia no poder político da Babilônia, que controlava sob jugo os dominados, impedindo-os até mesmo de se multiplicar.

5. Os deuses babilônicos não trabalham, o nosso Deus descansa porque trabalha e ainda reservou para nós um dia de descanso semanal

De acordo com Gn 2,3, Deus abençoou o sétimo dia da criação, santificou-o e nele descansou. O ser humano não é o ápice da criação, mas o dia de descanso. Este, sim, recebe uma bênção especial. O sábado, em hebraico *shabat*, da mesma raiz do verbo *yashab* (sentar-se, descansar), é um dia especial. Ele recorda que, não obstante a opressão do Egito, Deus libertou o seu povo. Durante seis dias o trabalho é pesado, mas o sétimo dia é a própria libertação. Memória que o povo de Deus não deve esquecer. Semanalmente essa memória é celebrada. No imaginário mitológico da comunidade que produziu Gn 1,1–2,4a essa ideia tão revolucionária não podia ficar de fora. A humanidade, feita à imagem de Deus, é sagrada. Assim como Ele, ela precisa descansar. Para os dirigentes babilônicos não era necessário descansar. O povo precisava trabalhar muito para pagar os tributos. Ao templo de Marduk deviam ser levados todos os tributos, de modo que a ordem do mundo pudesse ser respeitada. E os deuses recebiam simbolicamente esse tributo. Ir ao Santuário de Marduk e deixar ali a sua oferta (tributo) mantinha a estabilidade política e social. O ser humano, no mito babilônico, foi criado para servir aos deuses com o seu trabalho. Desse modo, os deuses se tornaram livres

5. Documentário: Ameaça ao homem: a preocupante feminização do macho. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=I4cWpUrL-V8 – Acesso em: 17 dez. 2017.

da árdua tarefa de trabalhar. Ademais, receberam como gratidão uma morada no céu e oferenda na terra (SEUX, 1997, p. 35).

A comunidade de Gn 1,1–2,4a sabia de tudo isso, e não foi por menos que levantou a bandeira diante do opressor: “Temos direito ao sagrado dia do descanso semanal”! E precisa maior resistência que essa? Esse direito é sagrado, pois o nosso próprio Deus descansa. Ele, como nós, os humanos, se cansa de tanto trabalhar. Os deuses babilônicos não se cansavam, pois não trabalhavam. Eles foram dispensados dos serviços quando Marduk criou o ser humano para servi-los. Nisso está o contramito! É como afirmar: “Nosso Deus age completamente diferente dos deuses babilônicos”.

Conclusão

A comparação entre os textos acima estudados evidencia uma relação entre eles. No texto de Gn, a criação do mundo é realizada pelo poder da palavra de Deus e não pela força e disputa de poder entre os deuses, como no texto babilônico. A criação do ser humano e do Shabat são, por exemplo, uma demonstração clara de resistência do mito bíblico. Ela se opõe à forma de vida escrava dos judeus na Babilônia. Estamos diante de um contramito.

Em relação ao tipo de mundo que transparece nos dois mitos, há também uma nítida diferença de cosmogonias. Enuma Elish não se trata de “criação”, mas de pura cosmogonia. Na Bíblia, Deus organiza o mundo a partir do caos. No fundo, a criação é um ato de organizar as coisas de um modo que jamais elas tinham sido antes. Em Enuma Elish, o mundo surge ocasionalmente de uma luta entre deuses, não de um ato deliberado da divindade que quer simplesmente criar, organizar o mundo para o ser humano viver com dignidade de imagem e semelhança do Criador.

Israel recebeu influência das mitologias circunvizinhas. Destaque, sobretudo, para as babilônicas. Israel, por outro lado, criou os seus mitos para se opor a elas, para demonstrar que o Deus dos exilados é maior que o deus dos opressores, que age sempre em favor de seu povo escolhido, o povo da Aliança eterna.

Gn 1,1–2,4a faz parte do grande mito de fundação do povo de Deus, que é Gn1–11. Deus é o criador de tudo. Ele organizou o mundo de forma harmônica. Tudo que temos e somos são fruto de suas mãos criadoras.

Jacir de Freitas Faria

Rua Itutinga, 340

Bairro Minas Brasil

30535-640 Belo Horizonte, MG

e-mail: bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br

site: www.bibliaeapocrifos.com.br

Referências

- A BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. São Paulo: Paulus, 1985.
- BALLARINI, Teodorico (org.). *Introdução à Bíblia*, v. II/1. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CHOURAQUI, André. *No princípio*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- FARIA, Jacir de Freitas. *As mais belas e eternas histórias de nossas origens em Gn 1–11: mitos e contramitos*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____. Judaísmo e cristianismo: dois caminhos, duas culturas afins. *Estudos Bíblicos*, n. 61, p. 56. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. HEIDEL, Alexander. *The Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1963.
- KRAUSS, Heinrich-Kuchler. *As origens: um estudo de Gênesis 1–11*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SEUX, Marie-Joseph et al. *La creación del mundo y del hombre en los textos del Próximo Oriente Antiguo*. Salamanca: Verbo Divino, 1997.
- Documentário: Ameaça ao homem: a preocupante feminização do macho. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=I4cWpUrL-V8 – Acesso em: 17 dez. 2017.